

ESTRESSORES VIVENCIADOS PELOS FAMILIARES EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

TÁSSIA RACKI VASCONCELOS¹; DANIELA BLANK BARZ²; BÁRBARA RESENDE RAMOS³; JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – tassiaracki@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danielabarzsls@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – barbararesende.ramos@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – juzillmer@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Unidade de Terapia Intensiva é destinada a receber pacientes hemodinamicamente instáveis, que necessitam de um local com suporte tecnológico avançado e especializado devido à gravidade do estado de saúde. É uma unidade do hospital que pode representar um dos lugares mais difíceis e estressantes, tanto para pacientes como familiares. (POERSCHKE *et al.*, 2019).

Devido a complexidade da tecnologia imediata utilizada para o atendimento, o cuidado humanizado torna-se um desafio, uma vez que o contato inicial com os familiares pode ser conflituoso, o que contribui para designar a unidade de terapia intensiva como um espaço em que predomina a atuação desumana e distante (CHAVES *et al.*, 2017).

O contato com as famílias e o seu acolhimento precisa se dar desde o momento da internação do familiar internado, para que seja possível proporcionar a eles apoio, atenção, oportunidade de dialogar e de esclarecer seus questionamentos (CHAVES *et al.*, 2017; RAMOS, 2020), assim como de cuidá-las (RAMOS, 2020).

Com isso, é preciso elencar a família ao processo de adoecimento devido ao profundo vínculo com o doente crítico, pois esta vivencia o abalo emocional e as incertezas durante a internação (OLIVEIRA; NUNES, 2014). Além disso, o adoecimento representa mudanças no cotidiano da pessoa hospitalizada e de seus familiares (POERSCHKE *et al.*, 2019). Neste estudo é considerado estressor “estímulos ou situações que causem estresse” (ROSA *et al.*, 2010). Deste modo, o objetivo do presente estudo é descrever os estressores vivenciados pelas famílias na unidade de terapia intensiva.

2. METODOLOGIA

O trabalho consiste em um recorte do banco de dados de um estudo qualitativo, intitulado “Acolhimento da família em unidade de terapia intensiva: convergindo a pesquisa com a prática”, que utilizou a Pesquisa Convergente Assistencial como delineamento. A pesquisa ocorreu no período de março a outubro de 2019 e foi realizada em uma Unidade de Terapia Intensiva Adulto de um Hospital Geral de médio porte, localizado no Sul do Rio Grande do Sul.

Totalizaram 29 participantes, sendo destes 18 profissionais da equipe multidisciplinar da Unidade e 11 familiares de pacientes internados na referida unidade no período de coleta. Para a seleção dos participantes, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão para os profissionais: atuar na unidade há mais de um ano e ter tido algum contato com as famílias dos pacientes internados. Os critérios de inclusão dos familiares foram: ser maior de 18 anos, não possuir dificuldade de comunicação verbal e que tivessem recebido o boletim médico do familiar, no mínimo, por dois dias. Como técnica de coleta de dados, foram utilizadas a observação participante, entrevistas semi estruturadas, entrevistas

conversação e grupos de convergência. Contudo, para este trabalho serão utilizados somente o conjunto de dados da entrevista semiestruturada. A coleta de dados foi realizada pela terceira autora, enfermeira pesquisadora, devidamente capacitada e com expertise no tema.

Os dados foram gerenciados com a utilização do programa Ethnograph versão v6. A análise dos dados ocorreu mediante as seguintes etapas: apreensão, síntese, teorização e transferência (TRENTINI; PAIM; SILVA, 2014), sendo produzidos códigos, e estes foram agrupados em subcategorias e categorias. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa de uma universidade pública sob o parecer 3.183.926 e CAEE 08611119.6.0000.5317.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As famílias vivenciam inúmeros estressores no ambiente da unidade de terapia intensiva. A partir da análise, foram construídas quatro categorias, as quais serão apresentadas a seguir.

O ambiente e a tecnologia

O ambiente se mostrou ser um estressor para as famílias que acompanham seus familiares internados na Unidade de Terapia Intensiva, uma vez que, a unidade apresenta certa “*estranheza*” pela sua estrutura física, diversidade de equipamentos que estão conectados aos pacientes caracterizando a singularidade da tecnologia utilizada no ambiente. Tal achado pode ser identificado nas falas a seguir:

O primeiro momento assim de ver o teu familiar ali tudo cheio de tudo, cheio de coisa nele. É difícil, né? E às vezes até eles comentam assim, “bah, mas como ele tá diferente”, né? [...] [AA12ESE]

Principalmente quando eles [a família] estão chegando, a gente começa a identificar aqueles que ficam mais nervosos, os que estão chorosos, os que ficam, às vezes, com o olhar muito assustado para os monitores [...]. [E04ESE]

Às vezes, a bomba lá... Qualquer alarme, principalmente a bomba, o familiar já chama: “Moço, moço... O que está [acontecendo]?”, levanta já assustado, assim, que é alguma [coisa] a mais e, tipo, de intercorrência, ou parando.[...] [TE08ESE]

A tecnologia é descrita como sendo um dos estressores mais frequentes neste ambiente, uma vez que, fica claro para os familiares que para manter as funções vitais do seu familiar, as máquinas são essenciais. Tal fato desencadeia em sentimentos negativos que podem ser gerados tanto nos pacientes quanto nos familiares dentro da unidade (SANTOS *et.al.*, 2016).

Atraso no horário da “visita”

Mudanças no horário de visita com atrasos acabam gerando aflição, angústia e medo nos familiares que aguardam para a visita na UTI, sendo então, considerado como um estressor para eles. As falas mostram este achado, onde é possível perceber que para os familiares o atraso gera ansiedade e aflição, com pensamentos negativos em relação ao que está acontecendo dentro da unidade.

Depois que a gente entrou lá dentro que a gente ficou sabendo, “a visita tá demorando porque nós estamos recebendo um paciente, que está intercorrendo”, né? Uma coisa assim. Mas aí tu ficas naquela aflição. [Familiar.AA12ESE]

Teve uma ocasião que eu fui visitar ela [familiar que estava internada], e eu fiquei esperando uns 15 minutos do lado de fora o horário da visita abrir. E é angustiante. É muito angustiante. [Profissional.TE06ESE]

O atraso no horário da visita foi descrito pelos familiares e profissionais como um estressor. Achado semelhante é descrito em estudo de Barth *et. al.* (2016), que identificou como estressores principais para os familiares de

pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva a presença do coma e não poder falar, identificamos que para os familiares os pacientes inconscientes, em coma, que não podem falar, tampouco se comunicar é um estressor a ser enfrentado.

Além disso, a dificuldade de interação entre o familiar e o paciente que está inconsciente é intensificada pela presença dos aparelhos para respirar e outros dispositivos. Tais fatos são identificados nas falas dos profissionais a seguir:

Então eles têm muito medo de tocar, porque pode desconectar alguma coisa. Eles têm muito medo de falar, porque pode também provocar alguma reação. [F11ESE]

Uns não querem nem encostar no paciente, “ah, tu não pode”, eu explico, “pode encostar, só não pode puxar nada. Pode fazer um carinho, pode conversar”, inclusive [...] [TE08ESE]

No estudo de Carrias *et. al.* (2018), a presença do coma também é considerada como um dos maiores estressores a serem enfrentados pelos familiares de pacientes internados na UTI, assim como o paciente não poder falar e o pensamento na morte.

Informações insuficientes durante a internação do familiar

Identificado como um estressor para a família, a falta de informações, assim como informações verdadeiras quanto às suas dúvidas e questionamentos gera angústias e estresse na família.

Uma coisa que eu sinto falta, te falando assim, como familiar – eu acho que... eu não sei se é porque não sabem, porque realmente não se tem resposta ou porquê motivo. Eu acho que tá faltando assim, informação. [...] De nos dar mais notícias. [...] [Profissional.EC07]

A falta de informações é um estressor para as famílias e está presente nas unidades de terapia intensiva. Estudo destaca que informações claras e verdadeiras auxiliam a tranquilizar e diminuir a ansiedade e angústia já vivenciada por eles na situação de ter um familiar internado na UTI, deixando-os mais aliviados e seguros (KOTZ *et al.*, 2014).

A possibilidade de morte durante a internação

Como último estressor identificado, está o pensar na morte do familiar. Esta possibilidade gera estresse e medo entre os familiares. Diante disso, os familiares demonstram não estarem preparados para viver o momento da morte do seu familiar, uma vez que, acreditam que a unidade de terapia intensiva é um local onde há recursos suficientes para restabelecer a saúde do familiar em adoecimento.

A gente tenta se preparar, mas nunca está preparado. Nunca vai ser igual. Ela disse para mim “minha filha, eu acho que eu não vou passar desse inverno”, eu digo “não fala isso mãezinha” [...] [EC05]

Na verdade, a dificuldade também de aceitar que tu não tem mais expectativa de melhora, que tu vai acabar perdendo aquele familiar num espaço de tempo que pode ser muito curto e não poder se preparar [...] [M07ESE]

A morte do familiar como uma possibilidade durante a internação também é destacado em estudo de Carrias *et.al.* (2016) o qual apontou que na UTI a morte é vista como algo provável em decorrência da gravidade dos pacientes que ali internam.

4. CONCLUSÕES

O estudo possibilitou conhecer os estressores enfrentados pelas famílias de pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva, identificando assim as condições que geram mais estresse, angústia, ansiedade e medo às famílias.

Destaca-se a importância da implementação de ações voltadas à avaliação e intervenção da família no cenário hospitalar com a finalidade de reduzir os estressores e acolher as famílias. Há a necessidade de acolher a família na Unidade de Terapia Intensiva de forma humanizada a considerando como uma unidade que necessita também de cuidados. Este acolhimento e cuidado pode ser realizado por uma equipe multiprofissional, uma vez que, a família vivencia o adoecimento de um familiar o que é gerador de estresse.

O tema aqui desenvolvido neste trabalho é resultante de um estudo que antecede a pandemia por COVID 19. Contudo, considerando o atual contexto de pandemia diante da necessidade de internação dos pacientes infectados por COVID-19 em unidades de terapia intensiva, os estressores vivenciados pelas famílias podem ser ainda mais agravantes. Deste modo, recomenda-se como propostas de futuras pesquisas investigar as experiências dessas famílias quanto ao acolhimento nas unidades de terapia. Como limitação na construção deste estudo, a primeira autora não participou da coleta de dados da pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, A. A. *et al.* Estressores em familiares de pacientes internados em unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, v. 28, n. 3, p.323-329, 2016.

CARRIAS, F. M. S. *et al.* VISITA HUMANIZADA EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: um olhar interdisciplinar. **Tempus Acta de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 103-112, 2018.

CHAVES, R.G.R.*et al.* Importância da família no processo de cuidados: atitudes de enfermeiros no contexto da terapia intensiva. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 11, n. 12, p. 4989-4998, 2017.

KOTZ, M. *et al.* TECNOLOGIAS, HUMANIZAÇÃO E O CUIDADO DE ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: uma revisão bibliográfica. **Revista UNINGÁ**, v.18, n. 3, p. 50-55, 2014.

OLIVEIRA, C.N.; NUNES, E.D.C.A. Cuidando da família na UTI: desafio de enfermeiros na práxis interpessoal do acolhimento. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.23, n.4, p.954-963, Florianópolis, 2014.

POERSCHKE, S.M.B. *et al.* Atuação da Enfermagem Frente aos Sentimentos dos Familiares de Pacientes em Terapia Intensiva. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v.11, n.3, p.771-779, 2019.

RAMOS, B. R. **Acolhimento da família em unidade de terapia intensiva: convergindo a pesquisa com a prática.** 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências com ênfase em Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

ROSA, B. A. *et al.* Estressores em Unidade de Terapia Intensiva: versão brasileira do The Environmental Stressor Questionnaire. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 3, p. 627-635, 2010.

SANTOS, J.K.S. *et al.* o conforto dos familiares de pacientes internados em Unidade de Terapia Intensiva. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 10, n. 10, p. 3796-805, 2016.

TRENTINI, M.; PAIM, L.; SILVA, D.M.G.V. **Pesquisa Convergente Assistencial: Delineamento provocador de mudanças nas práticas de saúde.** 3. ed. Porto Alegre: Moriá, 2014.